

ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Obra Completa
Edição *ne varietur*

EXPLICAÇÃO DOS PÁSSAROS



DOM QUIXOTE

Explicação dos Pássaros

Romance

Estabelecimento do texto por

Eunice Cabral

Comissão para a edição *ne varietur*

Agripina Carriço Vieira

Eunice Cabral

Graça Abreu

Coordenação

Maria Alzira Seixo

Para a Marília e o Dinis Machado
— Amigos e companheiros de caminho.

QUINTA-FEIRA

— Um dia destes dou à praia aqui, devorado pelos peixes como uma baleia morta — disse-me ele na rua da clínica olhando os prédios desbotados e tristes de Campolide, os monogramas de guardanapo dos anúncios luminosos apagados, os restos de purpurina das boas-festas das montras, um cão que vasculhava, na manhã de Janeiro, o monte de lixo de um edifício demolido: caliça, pó, pedaços de madeira, bocados de tijolo sem alma. Vinha a pé desde a avenida dos eléctricos, a cheirar os caixotes de fruta das mercearias num apetite brumoso e sôfrego de gaivota, como em criança, de regresso da escola, farejava o aroma ácido das drogarias ou a penumbra castanha, cor de sangue seco, das tabernas, onde um cego, de copo na mão, o seguia com as órbitas alarmantes e imóveis dos políticos nos cartazes, e pensou Trazem-me para a casa de saúde, empurram por mim o fecho de latão do guarda-vento (Não se incomode, Não se incomode, Não se incomode), obrigam-me a esperar na sala repleta de cadeiras de couro com grandes pregos amarelos (cadeiras de velório, verifico eu), uma mesa de pernas em saca-rolhas, reposteiros pesados como arrotos de juiz e as visitas invisíveis do meu funeral cochichando gravemente pelos cantos, enquanto eles parlamentam em voz baixa com empregadas poeirentas que se devem limpar de manhã a si próprias com espanadores de penas, retirando das gavetas das bar-

rigas maços de cartas antigas e caixas de costura de embutidos. A rapariga magrinha e feia do PBX, de cócoras atrás de um balcão de farmácia como uma coruja na sua gruta, desenhava corações enlevados num bloco: devia ter ido duas vezes seguidas ao cinema com o mesmo oficial de finanças míope, que morava num quarto alugado à Penha de França e tirava por correspondência cursos de inglês, curvado para um caderno com bonecos (*my garden, my uncle*) diante de uma bica vazia. Disse-lhe o nome da mãe enquanto a outra, de língua de fora, aperfeiçoava um coração enorme, idêntico ao rótulo dos frascos de arear metais da época da avó: um batalhão de criadas de farda cinzenta friccionava com energia as maçanetas do andar de baixo: Esteja quieto com as mãos, menino, senão vou fazer queixa às suas manas. Cheiravam a sabão azul e branco, a açúcar amarelo e a pão de segunda, e à noite primos soldados, de grandes dedos de pedra de camponeses ou de pastores, vinham tocar-lhes à socapa o peito no portão do jardim.

— Terceiro quarto à direita — informou a coruja a esboçar uma flecha de cupido num sorriso lânguido de postal: as orelhas do oficial de finanças deviam arder por cima de uma soma de repente impossível, e ele ultrapassou uma espécie de copa onde duas enfermeiras arrulhavam, encostadas a um armário, como um casal de pombos num beiral: uma delas comia um bolo, de mão em concha para aparrar as migalhas, e o sol da janela conferia às batas engomadas a alvura lisa do giz. Um sujeito de meia-idade cruzou-se com ele a examinar um balão de urina que segurava à altura dos olhos, como um lacrau morto, numa curiosidade pensativa. O odor de álcool, de medo e de esperança dos hospitais avançava e recuava no corredor, idêntico ao de um mar adormecido no qual flutuassem os gemidos sem som dos doentes, afogados pelos suspiros aflitos da família: Não quero aqui ninguém quando chegar a minha vez: enxotá-los com as sobranceiras para onde os não veja, aonde não chegue a sua insuportável amabilidade compungida, os seus cuidados excessivos, as pupilas amareladas pelo seu próprio pânico da morte. Ficar sozinho, de nariz no tecto, a esvaziar-me lentamente de mim: como me cha-

mo, o sítio em que nasci, os anos que tenho, os filhos grisalhos que fornecem pormenores no corredor.

— Bom dia, mãe — disse ele

e pensou logo Como tu emagreceste catano, ao mirar os tendões do pescoço, a testa demasiado pálida, as veias salientes dos braços, as íris verdes cravadas na almofada, redondas, a espiá-lo, o suor viscoso do nariz. A aliança dançava no dedo: Qual de nós a tirará daqui a pouco, a pousará no prato de louça da cómoda do teu quarto, sob o espelho, inundado de colares, de brincos, de anéis? Não tenho gravata preta para o enterro, só a de tricot cinzento de um Natal antigo, do tempo em que ainda usava casaco, se tomava a sério, escrevia intermináveis ensaios péssimos que ninguém leria, ericados de conceitos prolixos, de teorias confusas, de aproximações absurdas. O dedo invisível do editor roçou-lhe o braço:

— Talvez alguma coisa se possa aproveitar desses estudos.

— Como é que se sente? — perguntou numa voz derrotada, enquanto observava a mãe a pensar As lágrimas estão já do outro lado dos teus olhos, deslizam por dentro da cabeça, para a garganta, num ardor ácido de bagaço.

— Não a achas com melhor aspecto? — perguntaram de súbito à sua esquerda e ele viu, sentada na única poltrona do quarto, entalada entre a cama e a janela, uma prima remota com um livro aberto nos joelhos: Aposto que és a única pessoa da família disposta a acompanhar um moribundo. Colados ao vidro os prédios feios, desbotados das Amoreiras: Ainda estaria viva quando chegasse a sua vez?

— Mais corada — confirmei eu —, mais cheia. E para mim mesmo, envergonhado: Desculpa mãe. Quando eu era pequeno e adoezia de gripe trazias-me a velha telefonia Philips do pai para o quarto, e eu ficava a escutar os programas de discos pedidos no torpor morno da febre. Os Novos Emissores em Marcha. Quando o Telefone Toca. Que Quer Ouvir? Pensa Como o teu cabelo era castanho, os gestos decididos, nesse tempo. Nunca deixarias, imaginava ele, que nos acontecesse mal.

— Os miúdos? — disse a mãe da infinita distância de dois metros. Havia botijas ferrugentas de oxigénio à cabeceira, um aspirador de secreções ao pé do lavatório, um ramo de flores numa jarra de vidro facetado, sobre um naperon.

— Óptimos, mãe, óptimos. Sem problemas.

— Sempre que os vou buscar ao colégio perguntam por si — e assaltou-o a certeza de que a mãe se apercebera da pausa, do segundo de espera, da mentira. Entravam no carro de roldão, empurrando-se um ao outro, como cãezinhos, para o beijarem. A porteira da escola, gorda, com cara de toupeira, sorria, na boutique ao lado uma senhora alta e ruiva acariciava com as longas unhas vermelhas um frasco estreito de perfume: Que tesão me dás.

— Onde é que vocês querem ir almoçar?

— Ao Pónei.

— À Tasca.

Mas a senhora ruiva veio à porta e a ternura dissolveu-se-lhe num ápice no furioso desejo daquele rosto de louça, da saia travada que aprisionava o leque de carne espessa das coxas. Através dos anos o colega de carteira do liceu sussurrou-lhe ao ouvido:

— É o que elas querem, pá: agarras-te ao colchão, apertas os dentes, e é para trás e para a frente, para trás e para a frente, percebes, até os quadros se virem na parede.

— Devem estar enormes — afirmou a prima do fundo da cadeira, a retirar o tricot de um saco de plástico. A respiração da mãe tornara-se um assobio difícil, baixo, imperceptível. As falanges, azuis, moviam-se devagar no cobertor em reptações de insecto.

— Vou esta tarde para Tomar, mãe, ao congresso, volto no domingo à hora do jantar. Livre-se de se apaixonar pelo indiano manhoso do médico nestes três dias: não quero vacas sagradas na família.

Que falta de humor, catano, nem uma piada de jeito te sai, recriminou-se ele, graças pesadas como os pingos de chumbo das banheiras da insónia, parvoíces tolas de revista: preciso urgentemente de me reciclar no Charlie Hebdo. A prima espalhava cuidadosamente os romances no colo:

— São tão simpáticos, os indianos, tão delicados. Ó Fernanda, reparaste no bigode dele?

— Imensas metástases pulmonares — informou o doutor —, um derrame monstro na pleura. — (Parecia referir-se às anginas de um esquimó que nenhum deles conhecia.) — O melhor é irem-se preparando para o que der e vier.

Mostrava radiografias, exhibia análises, fornecia explicações pomposas. A perfeição do nó da gravata irritava-me ao rubro: desabotoar-lhe o colarinho com um puxão, amarrotar o excessivo cuidado da camisa: a minha mãe vai morrer e este cabrão nas tintas.

Os olhos verdes fitavam-no impiedosamente da almofada.

— Já saiu o teu manual? — soprou ela a custo.

Um carro de pensos rebolou a guinchar no corredor, entrechocando como bilhas de leite as latas cromadas, cheias do silêncio fofo das compressas. Do quarto vizinho crescia um queixume rítmico, a ondulação de um gemido, um protesto que subia e descia de mulher: Tapem-me a boca para não gritar. Respondeu a contrAgosto:

— Ainda não, mãe, uma data de chatices na tipografia, as provas gatadas — pensando Lá vão os cínicos dos críticos cair-me em cima com a sua raivinha de impotentes, as resenhas minúsculas, anónimas, secas, sem retrato, nos jornais da tarde. Quando eu principiar a putrefazer-me considerar-me-ão primordial, entrevistar-me-ão, dissertarão sobre mim, seleccionar-me-ão para os aborrecidos cemitérios das suas selectas. Deu um passo em frente, afagou a mão da mãe: porosa, sem sangue, leve e dura como as raízes ocas das vinhas.

As pessoas já não gostam de história, de poesia — suspira a prima por trás das agulhas de tricot, fabricando uma horrível camisola furta-cores, aos losangos, que ninguém vestiria (Muito obrigado mas agora não preciso, acho que o Francisco adorava). Não gostam de romances sem escândalos, sem palavrões, sem sexo: quanto mais porcaria melhor.

O cheiro das casas de saúde, pensou ele, põe-me um peso na testa, um desconforto, uma dor esquisita: quando fui operado às costas vi o meu pus num balde e apeteceu-me vomitar aos arrancos, de bruços

na marquesa, o oco das tripas. O cirurgião conversava com o ajudante à medida que lhe remexia a sumáuima do corpo, e ele notava-lhes as botas de pano idênticas às dos burros a fingir, formados por dois comparsas, no circo. Uma menina de saia de lantejoulas e sombrinha passeava num arame altíssimo, iluminada por um foco roxo e amarelo. Na plateia deserta, um palhaço rico, de boca vermelha, experimentava o saxofone.

— O pai? — perguntou ele, e as palavras pairaram muito tempo, adiante dos lábios, como uma escala de música.

O progenitor, de casaca e pálpebras sublinhadas a carvão, avançou até ao microfone em meneios miudinhos de mestre-de-cerimónias. Um cone de claridade azul, vindo do tecto, perseguia-o:

— Palavras para quê? — anunciou a alisar as farripas da calva entre os assobios fanhosos dos altifalantes. — É um artista português.

— Muito trabalho no escritório — explicou a mãe. — Deve passar logo por cá.

— A secretária dele já telefonou três vezes — esclareceu a prima —, mandou aquelas flores embrulhadas em celofane com uma fita cor-de-rosa nos pés.

A jarra de vidro facetado aumentou subitamente de tamanho: o pai estendeu a mão para um reposteiro coçado e ele e as irmãs saíram lá de dentro a correr, vestidos de tártaros, num turbilhão de cambalhotas e de pulos.

— Quietos — ordenou o pai —, estou a ler o jornal.

A careca severa, a cara fechada, o odor de água de colónia e de tabaco americano da roupa: e depois, de tempos a tempos, as viagens de negócios de que demorei anos a entender o motivo, a mãe trançada no quarto, estendida na cama (Uma enxaqueca, não é nada, vou já jantar), as visitas ao psiquiatra, o ioga, a macrobiótica, os jogos de cartas, a ginástica. E os meus olhos mudos a interrogarem-te nas costas Porque não voltas mais cedo para casa?

— Talvez passe cá logo — suspirou a mãe —, talvez passe logo em toda a parte.

A doença boleara-lhe as arestas da voz, tornara-a doce, suave, de-

licada como o canto de um búzio: Mozart, la mer ou l'écho de vos rêves: reclame de uma marca qualquer de gira-discos franceses, lido numa revista no dentista. Aproximou-se da janela, espreitou para fora: uma mulher de avental depenava uma galinha na rua (a cabeça do bicho, dependurada, oscilava ao ritmo sem ritmo dos seus puxões), dois cães, instalados nas patas traseiras, contemplavam-na de longe numa avidez submissa. Os edifícios das Amoreiras vogavam, desgovernados e feios, na neblina: cidade de merda, porque não me piro enquanto é tempo?

— O almocinho — gritou uma criatura jovial, de tabuleiro metálico nos braços: canja, pescada cozida com grelos, uma pêra, um pires ao contrário a proteger o copo de água. As irmãs sumiram-se numa cambalhota derradeira, o pai experimentou o microfone com a unha:

— Comida de doentes — vociferou para um público de primas remotas, que tricotava instalado em volta nas bancadas de pau. — Cuidado, Fernanda, não se arrisque. Solicitamos à estimada assistência o máximo silêncio durante a perigosa refeição.

A criatura jovial principiou a subir à manivela a cabeceira da cama, como os tipos de farda azul que esticam a mesa alemã para os exercícios de saltos. O laço, teso de goma, do avental, vibrava-lhe no rabo à laia de uma asa de borboleta aprisionada.

— Quem vai papar o almocinho todo, quem é? — perguntou ela no tom irritantemente divertido de uma mestra de meninos. — Sopinha, pescadinha, perinha, uma delícia, a capsulazinha antes e o comprimido depois, já está.

— Ariops — berrou triunfalmente o pai num molinete do braço.

— As tuas irmãs também têm telefonado — disse a mãe a retirar cuidadosamente as espinhas em forma de aspa, muito brancas, da pescada. — Esta noite, com toda a gente que garantiu que aparecia, o quarto vai ser uma sociedade recreativa em terça-feira gorda: vou-me divertir imenso.

Uma orquestra de parentes idosos, de casaco de palhetas prateadas, tocava um bolero lento ao pé do lavatório, com a expressão im-

passível ou vagamente aborrecida dos músicos de bar. À luz velada do candeeiro de folhos da mesa de cabeceira, enodado de manchas, as enfermeiras, os médicos, os tios graves conversavam baixinho, mastigavam croquetes espetados em palitos, aproximavam e afastavam, ao acaso, os rostos pálidos e lunares. O doutor indiano dançava com a prima do tricot num recato digno de termas, quando arredam as mesas da sala de jantar para lúgubres serões de violoncelos tristes.

— Quietos — repetiu o pai —, estou a ler o jornal.

A mãe sorriu inesperadamente: a infância escorregou-lhe, lenta, ao longo da boca, como a água num desnível de tábuas:

— Não te preocupes — disse ela —, tratam tão bem de mim aqui.

Ele saía de casa com a mala cheia de rótulos de hotéis estrangeiros e tu ficavas sozinha, minúscula a um canto da cama enorme, a ler grossos livros ingleses incompreensíveis, romances, histórias de guerra, um homem e uma mulher a beijarem-se sem vergonha na capa. Voltava três, quatro dias depois, queimado do sol, com um resto de luz estranha nas pupilas alheadas. Eu ia vê-lo fazer a barba de manhã, em calças de pijama e tronco nu, fascinado pelo brilho da navalha. Usava Fixador Azevichex O Produto Favorito do Homem De Sucesso, e gargarejava impetuosamente, de nariz no ar, contra a cárie, a piorreia e o mau hálito: Quando eu for grande mando calar toda a gente para ler o jornal. Os cães das Amoreiras, diante da clínica, farejavam no nevoeiro as penas da galinha, um resto de sangue, o montículo gelatinoso e repelente das tripas. A mãe marcava o livro com um bilhete de eléctrico, apagava a luz, e eu tinha a certeza de que os olhos dela permaneciam abertos no escuro, resplandecentes e fixos como os dos mortos nos retratos. Um telefone principiou a chorar como uma criança numa mesinha baixa junto dele.

— Sim — respondeu a prima que se apoderou velozmente do auscultador como um elefante do seu molho de cenouras. — Sim. Sim. Não, passou bem a noite, o médico visita-a logo à tarde. Se houver alguma alteração eu aviso-te.

O pai, a vaga culpabilidade do pai, a preocupação distraída do pai, a amante de que conhecia apenas a voz rouca e densa, como se

uma lamparina de álcool lhe aquecesse permanentemente a garganta. Uma vez por mês almoçavam juntos num restaurante ao pé do escritório dele, sem falar, comendo silenciosamente num incómodo que se apalpava, que crescia. A calva inclinada para o prato luzia como um bule. As bochechas aumentavam e diminuíam, elásticas, enquanto mastigava, e vinham-me à ideia dias longínquos de infância, na quinta (a sombra móvel das árvores no chão, o odor seco das folhas e da terra), e um homem novo, magro, alegre, cujas gargalhadas se espalhavam no sossego da tarde, trotando, comigo às cavalitas, a caminho de casa. Pensa: Vamos voltar o filme para trás, recomeçar. A prima tapa o bocal com a mão:

— Queres dizer alguma coisa ao teu marido?

O talher de peixe estremece sem responder, agarro no aparelho:

— Pai.

As sílabas chegam do outro lado, dentro do seu ouvido, nítidas e precisas como as paisagens gravadas a estilete numa placa de bronze:

— Como está ela?

O homem novo, magro e alegre, deu lugar a um senhor de idade que engordava, apertando constantemente os cabelos ralos contra as têmporas:

— Melhor, pai, melhor. Não se preocupe.

Sentado nos teus ombros quase tocava os ramos dos castanheiros com a cabeça, aureolado de luz à maneira dos santos dos milagres, enquanto uma eternidade de fotografia me imobilizava o sorriso que encontro, tantos anos depois, no espelho do quarto, a troçar-me numa careta azeda: como eu cresci, caraças, como o cabelo, por meu turno, me começa a faltar também: tento calcular de memória a idade do pai nessa época (serias mais novo do que eu hoje?) e a voz baralha-lhe as contas através dos furinhos de baquelite do telefone:

— Ouvi dizer que ias sair uns dias.

Percebia-se o ruído das máquinas de escrever do escritório, gente debruçada para as mesas, o desodorizante da secretária transformando o espaço livre, salas, paredes, corredores, num enorme sovaço depilado e morno: Já a comeste, velho?

— O quê? — pergunta o pai.

— Nada, estava a dizer que sigo agora mesmo para Tomar. Um congresso sobre o século XIX, sabe como é.

A minha irmã contou-me que tinhas outra casa com outros filhos, outro televisor, outros óleos, outra mesa de gamão, outro pote de Fixador Azevichex O Produto Favorito Do Homem De Sucesso, outro jornal. Escrever é uma coisa idiota, entendes, quando não se ganha o Nobel: tira o cursozinho.

Houve uma pausa e a voz do senhor careca respondeu a hesitar:

— Realmente nestes telefones não se percebe nada.

— Não tem importância, sigo agora mesmo para Tomar.

— Hum — rosnou o pai, desconfiado.

E ele adivinhava-lhe os olhos escuros, atrás dos óculos, a calcular sem acreditar: Tinha de mentir-te, tinha sempre de mentir-te, não suportavas que eu fosse diferente de ti, que arranhasse versos, que preferisse ser professor num péssimo liceu dos subúrbios, a uma miséria por mês, a trabalhar na companhia, composto, de gravata, como os outros da tribo. Às vezes consolava-me pensar que o homem novo e alegre, que passeava comigo na quinta, me teria entendido: íamos os dois até ao muro coberto de cacos de garrafa, e permanecíamos fascinados a olhar o saguim do vizinho, preso à casota por uma corrente de cão, a figueira suspensa sobre o poço, a tranquilidade lilás dos fins de tarde, muito para lá das estátuas de loiça do jardim e das cadeiras de lona desbotadas da família, ao acaso na relva. Os pavões da mata gritavam angustiadamente ao longe:

— Têm medo da noite — explicava o pai —, têm medo de poder sonhar.

Pensa O tipo que me levava às cavalitas pode bem acontecer que percebesse, percebia com certeza: quem conhece os pavões compreende um mau poeta à légua. Pensa Chiça, o que eu gostava de dizer e não consigo. Pensa A ausência de coragem é uma grande porra.

— Quando é que voltas? — questiona o pai como se remexesse um pauzinho cruel numa ferida infectada.

— No domingo, acho eu — declara ele.

E emenda, irritado consigo mesmo (Como vês tenho medo de ti, não sirvo para dirigir nenhuma empresa), numa afirmação categórica:

— No domingo sem falta.

Domingo era a chatice da desocupação, o quarto dos brinquedos revolvido, o corpo a arrastar-se, maçado, pelos cantos. A mãe jogava as cartas com as amigas, na sala, numa cintilação de pulseiras e de brincos, as bocas pintadas conversavam, como periquitos, de filhos, de criadas, dos empregos dos maridos. Mãe. E agora estava ali a morrer no Outono de Campolide, num quarto de clínica, diante do tabuleiro de espinhas do almoço, que a prima colocou ao pé da jarra das flores antes de se afundar de novo, distraída, no tricot.

— Pelo sim pelo não deixa o número de telefone aí — ordena o pai. — Já sabes como estas coisas são: pode ser que de um momento para o outro haja necessidade de falar contigo.

As amigas das cartas desatam a rir em coro, inclinadas para trás nas cadeiras de veludo vermelho: um grupo de caras brancas, pensa ele, em torno do cadáver do palhaço pobre, cujos enormes sapatos apontam para a lona esburacada do circo, comoventes e ridículos. Um burro formado por dois tios trota a relinchar à roda da arena, agitando para a esquerda e para a direita a estopa cor-de-rosa das crinas. O caseiro, de bigodes postiços, vestido com uma pele de tigre de plástico, exhibe a tatuagem desenhada a esferográfica do braço e ergue, numa trovoadade aplausos, a cama em que a mãe agoniza, magra e leve como um pardal no Outono.

— Claro que sim, pai, na recepção — promete ele.

O pai desliga sem responder, e eu fico com o telefone mudo encostado ao ouvido, imóvel como uma concha sem mar. A voz aborrecida da rapariga do PBX pergunta.

— Pediu alguma chamada?

e ele olha com espanto o aparelho, admirado pelo grilo falante que o questiona do interior, imperativo: o fiscal das finanças, se ela o conseguisse pescar, ia sofrer das boas.

— Não, obrigado, acabei agora mesmo — gaguejo eu à pressa

pousando o auscultador no descanso (plim, canta uma campainha murcha) e defrontando-se de novo no espelho com o seu rosto que envelhece, os óculos, o cabelo ralo sempre oleoso apesar dos sucessivos champôs, as rugas ainda jovens dos trinta anos cavando o seu caminho nas bochechas e na testa: daqui a mais uns tempos estou frito. Pensa nos homens de idade em fato de banho na praia, de mamas flácidas e ventre mole sobre as pernas fininhas desprovidas de pêlos, a trotarem para a água numa jovialidade empenada, nos que entram nos restaurantes caros acompanhados de raparigas novas, e lhes cochicham sobre o bife intimidades sorridentes, pensa que no mês passado viu uma mulher loira a conduzir com ar proprietário o automóvel do pai, e que o sangue lhe desatou a bater com força nas têmporas, furibundo: Montou-lhe casa e eu com duas assoalhadas em Campo de Ourique, quatro inquilinos por andar, os caixotes do lixo sempre entornados à porta, cães vadios, ciganos, lama, a roupa pendurada das janelas, mole e feia, entristecendo a manhã, livros e jornais por toda a parte, cinzeiros sujos, o cheiro da comida frita na cozinha: foda-se. Senta-se na cama da mãe e acaricia-lhe o pé por cima dos lençóis, os ossos estreitos, os dedos, as canelas saídas. Minha velha. Os olhos claros da doente, desfocados por uma espécie de nevoeiro interior, observam-no simultaneamente de muito longe e muito perto como os animais aprisionados do Jardim Zoológico. Uma espumazinha rosada incha e desincha nos ângulos da boca. Pensa Como ficaram distantes as partidas de canasta, como o teu rosto adquiriu uma densidade insuspeitada, como o teu pescoço frágil estremece.

— Vou andando, mãe.

Nunca tivemos tempo, não é, uns para os outros, e agora é tarde, estupidamente tarde, ficamos assim a olhar-nos, ausentes, estrangeiros, cheios de mãos supérfluas sem bolsos para ancorar, à procura, na cabeça vazia, das palavras de ternura que não soubemos aprender, dos gestos de amor de que nos envergonhamos, da intimidade que nos apavora. Uma camioneta ocupa completamente a janela do quarto na manhã decrépita, e a cara do condutor, opaca e neutra,